

CAPÍTULO I

DO AMOR

Vou procurar entender esta paixão cujos desenvolvimentos sinceros têm sempre a sua beleza.

Há quatro espécies de amor:

1.º O amor-paixão, como o da freira portuguesa, o de Heloísa por Abelardo, o do capitão Vésel e o do soldado de Cento*.

2.º O amor-prazer, que reinava em Paris, por volta de 1760, e que se encontra descrito nas memórias e romances desta época, em autores como Crébillon, Lauzun, Duclos, Marmontel, Chamfort, Madame d'Epinau, etc., etc.

É um quadro onde tudo deve ser cor-de-rosa (até mesmo as sombras), e onde, a pretexto seja do que for, não deve caber nada desagradável, sob pena de falta de gosto, de bom-tom, de delicadeza, etc. Um homem de

* Nos quatro casos de amor-paixão que Stendhal refere, os amantes sacrificam-se em prol da pessoa amada.

Mariana Alcoforado, a freira portuguesa (1640-1723), terá vivido uma intensa paixão por um oficial francês, o Marquês de Chamilly, de cujo amor impossível deixou testemunho nas *Lettres Portugaises (Cartas Portuguesas)*, onde lamenta o amor perdido e se queixa do amante infiel. O amor é incontrolável, é uma fonte de infelicidade e de sacrifícios que leva à alienação.

O amor de Heloísa (1101-1164) por Abelardo (1079-1142) tornou-se lendário na Idade Média. Na correspondência trocada entre ambos, o amor é transformado em amor místico. Na impossibilidade de viver a seu lado, Heloísa continuará apaixonada por Abelardo, e permanecer-lhe-á fiel na solidão do convento.

O pouco que sabemos sobre o capitão de Vésel e o soldado de Cento diz-nos que o primeiro sacrificou o seu desejo para respeitar o da mulher amada e que o segundo se suicidou, na prisão, por não poder viver o seu amor. (*N. T.*)

bom nascimento conhece de antemão todos os procedimentos a adoptar e a utilizar nas diversas fases deste amor. Embora sem paixão nem surpresa, este tipo de amor é muitas vezes mais delicado do que o amor verdadeiro, porque intervém com mais inteligência; é uma fria e preciosa miniatura, se comparada com um quadro dos Carracci*, e enquanto o amor-paixão nos arrasta para lá de todos os nossos interesses, o amor-prazer sabe sempre conformar-se com eles. É verdade que, se retirarmos a vaidade a esse pobre amor, muito pouca coisa lhe resta; uma vez privado da vaidade, torna-se num convalescente debilitado que mal se pode arrastar.

3.º O amor físico.

É, durante uma caçada, encontrar uma bela e fresca camponesa que foge para o bosque. Toda a gente conhece o amor que se baseia neste género de prazeres; por muito seco e pouco afortunado que se seja de carácter, é por aí que se começa aos dezasseis anos.

4.º O amor-vaidade.

A grande maioria dos homens, sobretudo em França, deseja e tem uma mulher à moda, por considerar, tal como possuir um belo cavalo, ser uma coisa indispensável ao luxo de um jovem. E assim a vaidade, mais ou menos lisonjeada e espicaçada, faz nascer o arrebatamento. Às vezes, há amor físico, mas nem sempre; e muitas vezes nem sequer há prazer físico. A duquesa de Chaulnes dizia que, para um burguês, uma duquesa nunca tem mais de trinta anos; e os frequentadores da corte desse homem justo, que foi o rei Luís da Holanda, ainda se recordam divertidos de uma bela mulher da Haia, para quem um homem só era encantador, se fosse duque ou príncipe. Mas, fiel ao princípio monárquico, logo que um príncipe chegava à corte, despedia o duque. Esta mulher era uma espécie de condecoração do corpo diplomático.

O caso mais feliz destas pobres relações é aquele em que o prazer físico vai aumentando com o hábito. As recordações tornam-nas então um pouco semelhantes ao amor; o amor-próprio é beliscado e fica-se triste quando se é abandonado; e, com as ideias romanescas que sobem à cabeça, acredita-se que se está apaixonado e melancólico, porque a vaidade aspira a passar por uma grande paixão. A verdade é que, qualquer que seja o género de amor a que se devem os prazeres, desde que haja exal-

* Célebre família de artistas de Bolonha de que se destacaram os irmãos Agostino (1557-1602) e Annibale Carracci (1560-1609) pelos frescos com que ambos decoraram o Palácio Fava em Bolonha e a Galeria do Palácio Farnese em Roma. (N. T.)

tação da alma, esses prazeres são vivos e a sua recordação entusiasma. E, nesta paixão, ao contrário do que sucede com a maior parte das outras, a recordação do que se perdeu parece sempre estar acima do que se pode esperar no futuro.

Por vezes, no amor- vaidade, o hábito ou o desespero, por não se encontrar melhor, produzem uma espécie de amizade que é a menos simpática de todas porque se vangloria da sua *segurança*, etc.¹

O prazer físico, por existir na natureza, é conhecido por toda a gente mas, aos olhos das almas sensíveis e apaixonadas, tem um papel secundário. Assim, se estas almas parecem ridículas nos salões e, se muitas vezes as intrigas das pessoas da alta sociedade as tornam infelizes, em compensação, conhecem prazeres totalmente inacessíveis aos corações que só sabem palpitar por vaidade ou por dinheiro. Algumas mulheres virtuosas e sensíveis conhecem mal o prazer físico; raramente se expuseram a ele, se assim se pode dizer e, nas poucas vezes em que isso aconteceu, os arroubos do amor-paixão quase fizeram esquecer os prazeres do corpo.

Há homens que são vítimas e instrumentos de um orgulho infernal, de um orgulho à Alfieri. Estas pessoas, talvez por serem cruéis porque, como Nero, estão sempre a tremer e avaliar toda a gente pelo que elas próprias sentem, estas pessoas, dizia eu, só podem alcançar o prazer físico se este for acompanhado de uma grande fruição de orgulho, quer dizer, desde que exerçam crueldades sobre a companheira dos seus prazeres. Daí os horrores de *Justine**. Estes homens só assim conseguem ter um sentimento de segurança.

De resto, em lugar de distinguirmos quatro espécies de amores, podemos muito bem admitir a existência de oito ou dez categorias. Há talvez, entre os homens, tantas formas de sentir como maneiras de ver, mas estas diferenças de nomenclatura não alteram em nada os raciocínios que se seguem. Todos os amores que podemos ver neste mundo, nascem, vivem e morrem, ou elevam-se à imortalidade, seguindo sempre as mesmas leis².

1 Diálogo conhecido de Pont de Veyle com Madame Du Deffand, junto à lareira.

* Referência ao mais célebre romance do Marquês de Sade (1740-1814), *Justine ou les malheurs de la vertu* (*Justine ou os infortúnios da virtude*). (N. T.)

2 Este livro é uma tradução livre de um manuscrito italiano de Lisio Visconti, jovem de grande distinção, que faleceu recentemente em Volterre, sua terra natal. No dia da sua inesperada morte, autorizou a publicação do seu ensaio sobre o Amor, desde que o tradutor achasse forma de o reduzir convenientemente.

Castel Fiorentino, 10 de Junho de 1819.



CAPÍTULO II

DO NASCIMENTO DO AMOR

Eis o que se passa na alma:

1.º A admiração.

2.º O admirador diz: «Que prazer em dar-lhe beijos, em recebê-los», etc.!

3.º A esperança.

Estudam-se as perfeições; é nesse momento que uma mulher se deveria entregar, para atingir o máximo prazer físico possível. No momento da esperança, mesmo nas mulheres mais reservadas, os olhos tornam-se vermelhos, a paixão é tão forte e o prazer é tão vivo que se manifesta por indícios evidentes.

4.º O amor nasceu.

Amar é ter prazer em ver, tocar, sentir através de todos os sentidos, e de tão perto quanto possível, um objecto que amamos e que nos ama.

5.º Começa a primeira cristalização.

Apraz-nos adornar com mil perfeições uma mulher de cujo amor estamos seguros; examinamos a sua felicidade com uma complacência infinita. Tudo isso não passa de exagerar uma propriedade soberba, que acaba de nos cair do céu, que não conhecemos, e de cuja posse estamos seguros.

Se deixarmos que a cabeça de um apaixonado trabalhe durante vinte e quatro horas, no final, encontraremos o seguinte:



Nas minas de sal de Salzburgo, lança-se, numa das profundidades abandonadas da mina, um ramo de árvore desfolhado pelo Inverno; dois ou três meses depois, retira-se o ramo, coberto de brilhantes cristalizações. As ramagens mais pequenas, que não são mais grossas do que a pata de um chapim, estão guarnecidas de uma infinidade de diamantes móveis e brilhantes, e já não se consegue reconhecer o ramo primitivo.

O que denomino de cristalização é a operação do espírito, que descobre em todas as circunstâncias que o objecto amado tem novas perfeições.

Um viajante fala da frescura dos laranjais perto de Génova, à beira do mar, durante os dias quentes do Verão: que prazer seria saborear esta frescura com ela!

Um amigo parte o braço na caça: que prazer não seria receber os cuidados de uma mulher que se ama! Estar sempre com ela, e ver incessantemente as manifestações do seu amor, quase nos faria abençoar a dor; e assim, partimos do braço fracturado do amigo, para já não termos dúvidas da angélica bondade da mulher que amamos. Numa palavra, basta pensar numa perfeição para a vermos na mulher amada.

Este fenómeno, a que me permito chamar *cristalização*, provém da natureza, que nos ordena que tenhamos prazer e que nos faz subir o sangue à cabeça, com a sensação de que os prazeres aumentam com as perfeições do objecto amado, e com a ideia seguinte: ela é minha. O selvagem não tem tempo de ir além do primeiro passo. Sente prazer, mas a actividade do seu cérebro está virada para a perseguição do veado que foge pelo bosque, com cuja carne deve retemperar forças, o mais depressa possível, sob pena de sucumbir ao machado de um inimigo.

No outro extremo da civilização, não duvido de que uma mulher sensível chegue ao ponto de só ter prazer físico junto do homem que ama³. É o contrário do selvagem. Mas, nas nações civilizadas, a mulher dispõe de tempo e de ócios, enquanto o selvagem, de tão pressionado que está com os seus afazeres, se vê obrigado a tratar a fêmea como uma besta de carga. Se as fêmeas de muitos animais são mais felizes, é porque a subsistência dos machos está mais assegurada.

Mas deixemos as florestas e voltemos a Paris. Um homem apaixonado vê todas as perfeições no objecto amado; contudo, a atenção pode ainda ser desviada, porque a alma cansa-se de tudo o que é uniforme, mesmo que isso represente a felicidade perfeita⁴.

3 Se esta particularidade não se verifica no homem, é porque ele, nem por um instante, tem de sacrificar o seu pudor.

4 O que quer dizer que a mesma gradação de existência apenas permite um instante de felicidade perfeita; mas a maneira de ser de um homem apaixonado muda dez vezes por dia.